

# EXPERIÊNCIAS DE CRIATIVIDADE

RESSONÂNCIAS DA JORNADA “MORTE E VIDA: NOVAS CONFIGURAÇÕES NA CULTURA E NA COMUNIDADE”, REALIZADA PELA FEBRAPSI E SPBSB. BRASÍLIA, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2016.

*Cíntia Xavier de Albuquerque*

Um ano após a criação da Diretoria de Comunidade e Cultura da FEBRAPSI, o grupo diretor presidido por Daniel Delouya, em parceria com a Sociedade de Psicanálise de Brasília, realizou a primeira jornada especificamente dedicada à psicanálise inserida na cultura e em contato com a comunidade.

Tivemos o privilégio de contar com a participação de colegas de diversas federadas – São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília, que têm tido, há muitos anos, participação ativa em projetos de psicanálise a céu aberto, essa linda expressão que tomamos emprestado da FEPAL – Federação Latino-Americana de Psicanálise.

Com isso enfatizamos nossa intenção de entender a psicanálise para além dos consultórios, aproveitando e utilizando sua riqueza e profundidade para examinar e compreender fenômenos humanos e contribuir para com a sociedade onde estamos inseridos.

O presidente Daniel Delouya fez a conferência de abertura sobre Psicanálise na Cultura. Ressaltou a constante atenção de Freud aos aspectos culturais da vida. Destacou que o processo de construção do psiquismo se dá dentro de “uma reserva, a cultura”.

A presidente da SPBSb, Mirian Ritter, informou sobre os diversos e importantes projetos levados adiante há muitos anos em nossa cidade. O levantamento feito pela Diretoria de Comunidade e Cultura sobre todos os tipos de atividades das federadas foi apresentado, bem como os primeiros resultados da pesquisa Psicanálise a Céu Aberto, feita

em parceria com a FEPAL. Em breve essas informações serão divulgadas.

Alguns convidados detalharam projetos em andamento junto a comunidades de alta vulnerabilidade social: Joyce Goldstein (SPPA), Magda Khouri (SBPSP) e Teresa Lopes (SBPRJ). Leonardo Francischelli (SBPdePA) e Ney Marinho (diretor científico da FEBRAPSI) debateram o curta metragem *Ilha das Flores* (1989), extremamente impactante e atual. Na plateia envolvida e interessada, contamos também com a participação das experientes colegas Alice Lewkowicz e Elisabeth Cimenti (SPPA).

Após a jornada, Francischelli destacou a ideia de uma FEBRAPSI-cidadã, lembrando-nos que, antes de sermos psicanalistas, somos cidadãos, o que significa podermos nos colocar no lugar do outro.

Maria Elizabeth Mori, da SPBSb, com extensa experiência em psicanálise institucional, considera que a jornada foi uma “apresentação pública da Diretoria de Comunidade e Cultura que marcou o interesse da SPBSb em dialogar com a comunidade local”. Propõe que seja dada continuidade a esse tipo de iniciativa em todas as federadas da FEBRAPSI e que as programações sejam divulgadas nos sites institucionais.

A colega Rossana Nicolliello, que representa a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais, nos enviou gratificante mensagem, da qual destaco alguns trechos: “Os psicanalistas agregaram-se uns aos outros, fazendo dessa prática um perfil de coerência

no que se acredita ser a verdadeira psicanálise, essa que se entrelaça com a cultura e com a comunidade. O que trouxe coerência à temática foi presenciar a harmonia entre representantes de inúmeras federadas em um clima de respeito, generosidade e preciosos esclarecimentos, cuidando daqueles que ainda engatinham em seus projetos sociais. Nossa gratidão por esses dias de grande enriquecimento!”

*Maria Elisabeth Cimenti, da SPPA, sentiu que “a jornada transcorreu num clima de reflexão e questionamento. Foi mais um espaço aberto pela FEBRAPSÍ para os psicanalistas poderem pensar sobre um fazer, no qual a realidade social é considerada mais efetivamente, extrapolando em sua ação os muros impostos pela clínica privada e seus consultórios. Tal práxis recoloca a psicanálise, que passa a se definir como um instrumento de interpretação das diferentes realidades humanas e sociais que se apresentam, utilizando a palavra e a escuta como ferramentas para sua compreensão. Vivenciou-se uma psicanálise com consciência cidadã”.*

Uma das apresentadoras convidadas, Joyce Goldstein considerou a jornada “uma rica e proveitosa experiência, com amplos e profundos debates, abarcando desde a problemática do atual momento do Brasil, até o impacto e perplexidade em nós, psicanalistas, diante da imensidão das questões sociais que assolam o indivíduo. Temáticas a respeito da exclusão social, desamparo, dor da existência, humilhação, desprezo e indiferença social foram abordados. Certos ficamos da importância de nosso olhar e escuta para a interface psicanálise e comunidade, assim como do fortalecimento das redes e rodas de conversas entre nossa própria Sociedade Psicanalítica e as demais Sociedades Federadas.”

Daniel Delouya disse que “os trabalhos apresentados nessa jornada demonstraram uma reflexão acurada sobre a relevância do pensamento psicanalítico nos diversos campos da cultura e da política. Ademais ilustraram a potência da escuta psicanalítica no trabalho com diversos setores das comunidades. Trabalhos psicanalíticos já avançados junto às comunidades não só deflagraram demandas crescentes sobretudo entre os jovens, mas permitiram acompanhar efeitos desta escuta. O que abre um campo fértil de interlocução e ampliação entre psicanalistas e o enriquecimento desta área de investigação no seio das federadas e das atividades científicas da FEBRAPSÍ”.

Magda Khouri considera que “a FEBRAPSÍ inaugura um espaço para abrir ou renovar o debate sobre as extensões do método psicanalítico, levando a nossa clínica a territórios que ainda devem ser explorados por nós. Convoca todos a refletir sobre as variações necessárias do enquadre, sobre o pensamento clínico que ultrapassa o atendimento, dirigindo o nosso olhar aos fenômenos do mundo, seus movimentos culturais e sociais. A primeira jornada em Brasília foi uma amostra de como existem trabalhos consistentes no campo da comunidade, já anunciando que a nova diretoria será um centro aglutinador das atividades dos colegas brasileiros, com a possibilidade de ampliar a reflexão do fazer psicanalítico, tanto dentro como fora dos consultórios”.

Ney Marinho conclui assim seu belo depoimento: “Um momento inaugural não só de uma diretoria mas de um projeto, como Daniel Delouya tem repetidas vezes enfatizado, de reincorporar à psicanálise sua dimensão de crítica da cultura que permeia toda a obra freudiana. Foi um êxito... um momento entre o sonho e a realidade, talvez próprio das experiências de criatividade”.

*É questão delicada e complexa tentar harmonizar tantos fatores envolvidos no contato mais íntimo da psicanálise na cultura e nas diversas comunidades. Mas temos experiências que mostram o quanto nossa participação pode ser criativa e reveladora aos que podem dela se beneficiar. Para encerrar – e com o desejo de estimular e desenvolver cada vez mais nossa nova diretoria – destaco um sentimento, sem o qual não nos voltamos para o outro, não nos comovemos, não contribuimos com nosso olhar, escuta e conhecimento: o amor. De muitas maneiras. Que venham muitos outros encontros dos psicanalistas dentro e fora de casa.*



*Cíntia Xavier de Albuquerque é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília e diretora de Comunidade e Cultura da FEBRAPSÍ.*